

# Livro de Poemas

## •1500: Poema a Virgem - Padre José de Anchieta

Minha alma, por que tu te abandonas ao profundo sono? Por que no pesado sono, tão fundo ressonas? Não te move à aflição dessa Mãe toda em pranto, Que a morte tão cruel do FILHO chora tanto? E cujas entranhas sofre e se consome de dor, Ao ver, ali presente, as chagas que ELE padece? Em qualquer parte que olha, vê JESUS, Apresentando aos teus olhos cheios de sangue. Olha como está prostrado diante da Face do PAI, Todo o suor de sangue do seu corpo se esvai. Olha a multidão se comporta como ELE se ladrão fosse, Pisam-NO e amarram as mãos presas ao pescoço. Olha, diante de Anás, como um cruel soldado O esbofeteia forte, com punho bem cerrado. Vê como diante Caifás, em humildes meneios, Aguenta mil opróbrios, socos e escarros feios. Não afasta o rosto ao que bate, e do perverso Que arranca Tua barba com golpes violento. Olha com que chicote o carrasco sombrio Dilacera do SENHOR a meiga carne a frio.

Olha como lhe rasgou a sagrada cabeça os espinhos,  
E o sangue corre pela Face pura e bela. Pois não vês  
que seu corpo, grosseiramente ferido Mal susterá ao  
ombro o desumano peso? Vê como os carrascos  
pregaram no lenho As inocentes mãos atravessadas  
por cravos. Olha como na Cruz o algoz cruel prega Os  
inocentes pés o cravo atravessa. Eis o SENHOR,  
grosseiramente dilacerado pendurado no tronco,  
Pagando com Teu Divino Sangue o antigo crime!  
(Pecado Original cometido pelos primeiros pais e os  
subsequentes pecados da humanidade) Vê: quão  
grande e funesta ferida transpassa o peito, aberto  
Donde corre mistura de sangue e água. Se o não  
sabes, a Mãe dolorosa reclama Para si, as chagas que  
vê suportar o FILHO que ama. Pois quanto sofreu  
aquele corpo inocente em reparação, Tanto suporta o  
Coração compassivo da Mãe, em expiação. Ergue-te,  
pois e, embora irritado com os injustos judeus  
Procura o Coração da MÃE DE DEUS. Um e outro  
deixaram sinais bem marcados Do caminho claro e  
certo feito para todos nós.

ELE aos rastros tingiu com seu sangue tais sendas,  
Ela o solo regou com lágrimas tremendas. A boa Mãe  
procura, talvez chorando se consolar, Se as vezes  
triste e piedosa as lágrimas se entregar. Mas se tanta  
dor não admite consolação É porque a cruel morte  
levou a vida de sua vida, Ao menos chorarás  
lastimando a injúria, Injúria, que causou a morte  
violenta. Mas onde te levou Mãe, o tormento dessa  
dor? Que região te guardou a prantejar tal morte?  
Acaso as montanhas ouvirão Teus lamentos? Onde  
está a terra podre dos ossos humanos? Acaso está  
nas trevas a árvore da Cruz, Onde o Teu JESUS foi  
pregado por Amor? Esta tristeza é a primeira punição  
da Mãe, No lugar da alegria, segura uma dor cruel,  
Enquanto a turba gozava de insensata ousadia,  
Impedindo Aquele que foi destruído na Cruz. Mãe, mas  
este precioso fruto de Teu ventre Deu vida eterna a  
todos os fieis que O amam, E prefere a magia do  
nascer à força da morte, Ressurgindo, deixou a ti  
como penhor e herança.

Mas finda Tua vida, Teu Coração perseverou no amor,  
Foi para o Teu repouso com um amor muito forte! O  
inimigo Te arrastou a esta cruz amarga, Que pesou  
incomodo em Teu doce seio. Morreu JESUS  
traspassado com terríveis chagas ELE, formoso  
espírito, glória e luz do mundo; Quanta chaga sofreu e  
tantas LHE causaram dores; Efetivamente, uma vida  
em vós era duas! (Natureza Humana e Natureza  
Divina do SENHOR) Todavia conserva o Amor em Teu  
Coração, e jamais Evidentemente deixou de o  
hospedar no Coração, Feito em pedaços pela morte  
cruel que suportou Pois à lança rasgou o Teu Coração  
enrijecido. O Teu Espírito piedoso e comovido quebrou  
na flagelação, A coroa de espinhos ensanguentou o  
Teu Coração fiel. Contra Ti conspirou os terríveis  
cravos sangrentos, Tudo que é amargo e cruel o Teu  
FILHO suportou na Cruz. Morto DEUS, então porque  
vives Tu a Tua vida? Porque não foste arrastada em  
morte parecida? E como é que, ao morrer, não levou o  
Teu espírito, Se o Teu Coração sempre uniu os dois  
espíritos?

Admito, não pode tantas dores em Tua vida Suportar,  
aguentando se não com um amor imenso; Se não Te  
alentar a força do nascimento Divino Deixará o Teu  
Coração sofrendo muito mais. Vives ainda, Mãe,  
sofrendo muitos trabalhos, Já te assalta no mar onda  
maior e cruel. Mas cobre Tua Face Mãe, ocultando o  
piedoso olhar: Eis que a lança em fúria ataca pelo  
espaço leve, Rasga o sagrado peito ao teu FILHO já  
morto, Tremendo a lança indiferente no Teu Coração.  
Sem dúvida tão grande sofrimento foi à síntese,  
Faltava acrescentá-lo a Tuas chagas! Esta ferida cruel  
permaneceu com o suplício! Tão penoso sofrimento  
este castigo guardava! Com O querido FILHO pregado  
a Cruz Tu querias Que também pregassem Teus pés e  
mãos virginais. ELE tomou para Si a dura Cruz e os  
cravos, E deu-Te a lança para guardar no Coração.  
Agora podes, ó Mãe, descansar, que possui o desejado,  
A dor mudou para o fundo do Teu Coração. Este golpe  
deixou o Teu corpo frio e desligado, Só Tu compassiva  
guarda a cruel chaga no peito.

Ó chaga sagrada feita pelo ferro da lança, Que  
imensamente nos faz amar o Amor! Ó rio, fonte que  
transborda do Paraíso, Que intumesce com água  
fartamente a terra! Ó caminho real com pedras  
preciosas, porta do Céu, Torre de abrigo, lugar de  
refúgio da alma pura! Ó rosa que exala o perfume da  
virtude Divina! Jóia lapidada que no Céu o pobre um  
trono tem! Doce ninho onde as puras pombas põem  
ovinhos, E as castas rolas têm garantia de sustentar os  
filhotinhos! Ó chaga, que és um adorno vermelho e  
esplendor, Feres os piedosos peitos com divinal amor!  
Ó doce chaga, que repara os corações feridos, Abrindo  
larga estrada para o Coração de CRISTO. Prova do  
novo amor que nos conduz a união! (Amai uns aos  
outros como EU vos amo) Porto do mar que protege o  
barco de afundar! Em TI todos se refugiam dos  
inimigos que ameaçam: TU, SENHOR, és medicina  
presente a todo mal! Quem se acabrunha em tristeza,  
em consolo se alegra: A dor da tristeza coloca um  
fardo no coração!

Por Ti Mãe, o pecador está firme na esperança,  
Caminhar para o Céu, lar da bem-aventurança! Ó  
Morada de Paz! Canal de água sempre vivo, Jorrando  
água para a vida eterna! Esta ferida do peito, ó Mãe, é  
só Tua, Somente Tu sofres com ela, só Tu a podes dar.  
Dá-me acalentar neste peito aberto pela lança, Para  
que possa viver no Coração do meu SENHOR!  
Entrando no âmago amoroso da piedade Divina, Este  
será meu repouso, a minha casa preferida. No sangue  
jorrado redimi meus delitos, E purifiquei com água a  
sujeira espiritual! Embaixo deste teto (Céu) que é  
morada de todos, Viver e morrer com prazer, este é o  
meu grande desejo.

## •1601: Anarda Invocada Soneto I- Manuel Botelho de Oliveira

Invoco agora Anarda lastimado Do venturoso, esquivo  
sentimento: Que quem motiva as ânsias do tormento,  
É bem que explique as queixas do cuidado. Melhor  
Musa será no verso amado, Dando para favor do sábio  
intento Por Hipocrene o lagrimoso alento, E por louro  
o cabelo venerado. Se a gentil formosura em seus  
primores Toda ornada de flores se avalia, Se tem como  
harmonia seus candores; Bem pode dar agora Anarda  
impia A meu rude discurso cultas flores, A meu  
plectro feliz doce harmonia.

## •1768: Destes penhascos fez a natureza- Cláudio Manuel da Costa

Destes penhascos fez a natureza O berço, em que nasci: oh quem cuidara, Que entre penhas tão duras se criara Uma alma terna, um peito sem dureza! Amor, que vence os tigres, por empresa Tomou logo render-me; ele declara Contra o meu coração guerra tão rara, Que não me foi bastante a fortaleza. Por mais que eu mesmo conhecesse o dano, A que dava ocasião minha brandura, Nunca pude fugir ao cego engano: Vós, que ostentais a condição mais dura, Temei, penhas, temei; que Amor tirano, Onde há mais resistência, mais se apura.

## •1836: Canção do exílio- Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar — sozinho, à noite — Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.

## •1881: Esfinge- Teófilo Dias

Tuas pupilas alaga Não sei que acerba ternura, Cuja luz cruel me afaga, Cujo afago me tortura. Unge-te o seio moreno Um perfume sufocante, Suave como um calmante, Pérfido como um veneno. Freme-te a alma fatal No frágil corpo nervoso, Como um filtro perigoso Numa prisão de cristal. Para estancar os desejos, Que teu sangue tantalizam, Teus lábios prodigalizam Dentadas por entre beijos. Com sarcasmos me apunhalas; Depois, as feridas cruas Ameigas com a luz que exalas Dos teus olhos, — negras luas. Tua palavra me é dura, Às vezes, pelo sentido, E doce pela brandura Com que me trina no ouvido. Há uma alma que suspira Em cada ponto do espaço Quando caminhas: teu passo Murmura como uma lira. No movimento discreto Revelas, por entre as gazes, Todo um poema correto Escrito em versos sem frases. Os teus lençóis apaixonas Com a gentileza, que apuras Nas langorosas posturas Em que o teu corpo abandonas.

Dos primores, de que és feita, A nenhum dou  
primazia: É do conjunto a harmonia Que os meus  
sentidos sujeita. E eu te amo, beleza fátua, Minha  
perpétua loucura, Como o verme a flor mais pura, E o  
musgo a mais bela estatua'

## •1893: Antífona- Cruz e Sousa

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras De luares, de neves, de neblinas!... Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas... Incensos dos turíbulos das aras... Formas do Amor, consteladamente puras, De Virgens e de Santas vaporosas... Brilhos errantes, mádidas frescuras E dolências de lírios e de rosas... Indefiníveis músicas supremas, Harmonias da Cor e do Perfume... Horas do Ocaso, trêmulas, extremas, Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume... Visões, salmos e cânticos serenos, Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes... Dormências de volúpicos venenos Sutis e suaves, mórbidos, radiantes... Infinitos espíritos dispersos, Inefáveis, edênicos, aéreos, Fecundai o Mistério destes versos Com a chama ideal de todos os mistérios. Do Sonho as mais azuis diafaneidades Que fuljam, que na Estrofe se levantem E as emoções, sodas as castidades Da alma do Verso, pelos versos cantem. Que o pólen de ouro dos mais finos astros Fecunde e inflame a rime clara e ardente... Que brilhe a correção dos alabastros Sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça De carnes de mulher,  
delicadezas... Todo esse eflúvio que por ondas passe  
Do Éter nas róseas e áureas correntezas... Cristais  
diluídos de clarões alacres, Desejos, vibrações, ânsias,  
alentos, Fulvas vitórias, triunfamentos acres, Os mais  
estranhos estremecimentos... Flores negras do tédio e  
flores vagas De amores vãos, tantálicos, doentios...  
Fundas vermelhidões de velhas chagas Em sangue,  
abertas, escorrendo em rios..... Tudo! vivo e nervoso e  
quente e forte, Nos turbilhões quiméricos do Sonho,  
Passe, cantando, ante o perfil medonho E o tropel  
cabalístico da Morte...

## •1902: Versos Íntimos- Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão - esta pantera - Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

## •1922: Primavera- Mário de Andrade

Fora desmantelado, quando, golfando pela fauce aberta o atestado dos órfãos e das viúvas, um grande obus lhe rebentara ao lado... No modesto recanto do jardim da aldeia miserável e deserta, na sua herança má de mudo e eterno, estático e sem fim, viu, no outono, morrer o sol das chuvas, entrajou-se de neve em pleno inverno; e agora, à sussurrante primavera mostra no beijo o riso do jasmim... Converteu-se. Sorriu à natureza; perdoou a rabugice ao vento sul; e, no êxtase imortal – Santa Teresa da primavera – ele olha esperançosamente, essa visão seráfica e esplendente, a claridade mágica do azul... Na culatra soaberta, onde altos estampidos gerara a bala estrepitosa e fera, fizeram ninho as andorinhas... Culatra! – geradora de gemidos, geradora de implumes avezinhas!... Cobre-lhe uma roseira o desnudo cinismo. Tem a benção do luar, nas noites perfumosas. Vem ungi-lo às manhãs o sol de abril. E o canhão convertido, odorante e gentil, na imota unção de seu catolicismo, ouve o Te Deum das abelhas sobre as rosas...